

**O PROBLEMA DO ATEÍSMO EM LUC FERRY E COMTE-SPONVILLE:
CONSIDERAÇÕES SOBRE UMA ESPIRITUALIDADE SEM DEUS**

***THE PROBLEM OF ATHEISM IN LUC FERRY AND COMTE-SPONVILLE:
CONSIDERATIONS ABOUT A SPIRITUALITY WITHOUT GOD***

Wesley de Jesus Barbosa¹

Resumo

O presente artigo buscará expor como Luc Ferry e Comte-Sponville elaboram suas concepções sobre uma espiritualidade sem Deus. Apesar da morte de Deus, se vislumbra alguma espiritualidade como membrana de contato com as coisas mais profundas que movem o homem: a morte, a vida, o inefável, a totalidade, o nada. Mas como estruturar uma espiritualidade nesta terra devastada após Nietzsche, Freud, Feuerbach, Schopenhauer e Dostoiévski? A saída encontrada por Ferry e Sponville desemboca numa ética desconectada de Deus, endossada no amor. É na *Revolução do Amor*, livre de todo fanatismo e dogma, que Ferry apresenta sua metodologia. Não é um amor abstrato, a Deus, a pátria, ao progresso, mas um amor prático, um exercício: o amor aos filhos, a esposa. Algo menor, mais factível, real, palpável. Para isto ele traça uma história da desconstrução, desde os Boêmios franceses (século XIX) e Nietzsche na Alemanha, para demonstrar o abstracionismo em que se enfiaram crentes, teóricos e filósofos. Sponville, utilizando-se das premissas desconstrutoras de Nietzsche, em sintonia com Luc Ferry, avança para uma crítica aos elevados valores morais, questionando os seus atributos dogmáticos, tanto em crentes e ateus, quanto em cientistas e filósofos. Apregoando ao mundo uma instabilidade que impossibilita a tomada de posições muito rígidas, exigindo-se uma autonomia capaz de criar seus próprios valores. Inclusive o valor de um panteísmo como aquisição da experiência de contato com a totalidade das coisas. Em ambos, a defesa do amor como práxis corresponde a um chamado à tolerância.

Palavras-chave: tolerância; ateísmo; amor; espiritualidade; panteísmo.

Abstract

This article will seek to expose how Luc Ferry and Comte-Sponville develop their conceptions of a spirituality without God. Despite the death of God, some spirituality can be seen as a membrane of contact with the deepest things that move man: death, life, the ineffable, totality, nothingness. But how to structure spirituality in this devastated land after Nietzsche, Freud, Feuerbach, Schopenhauer and Dostoevsky? The solution found by Ferry and Sponville leads to an ethics disconnected from God, endorsed by love. It is in the Revolution of Love, free from all fanaticism and dogma, that Ferry presents his methodology. It is not an abstract love, for God, the country, for progress, but a practical love, an exercise: the love for children, one's wife. Something smaller, more doable, real, tangible. To do this, he traces a history of deconstruction, from the French Bohemians (19th century) and Nietzsche in Germany, to demonstrate the abstractionism into which believers, theorists and philosophers have found themselves. Sponville, using Nietzsche's deconstructive premises, in line with Luc Ferry,

¹ Licenciado em História e bacharel em Psicologia pela UFES. Mestre em Filosofia pela UFES, na qual cursa o Doutorado em Filosofia.

moves towards a critique of high moral values, questioning their dogmatic attributes, both in believers and atheists, as well as in scientists and philosophers. Proclaiming to the world an instability that makes it impossible to take very rigid positions, demanding autonomy capable of creating its own values. Including the value of pantheism as acquiring the experience of contact with the totality of things. In both, the defense of love as praxis corresponds to a call for tolerance.

Keywords: tolerance; atheism; love; spirituality; pantheism.

Introdução

O debate brasileiro mais atual, além de mostrar-se superficial e pouco embasado, está perigosamente apaixonado. E este calor polarizado não é um sintoma que acomete somente o senso comum com suas disputas futebolísticas, apenas; o meio acadêmico também toma partido e adora seus ídolos com uma recorrência quase assustadora, se concordamos que as universidades deveriam estar muito mais a serviço de duvidar de qualquer assertiva bastante contundente, examinando suas falhas para debochar de seu fanatismo. Mas, ao menos no Brasil, determinados autores já deixaram há muito a sua essência de carne e osso para alcançar altares de adoração com os seus fiéis soldados em sua defesa. E, se homens passaram a dimensão do idolatrável, então o debate esfria até se silenciar, empobrecendo a riqueza da multiplicidade em guetos de autores dístico ou daquilo, a direita ou a esquerda nisto ou naquilo. Isto porque, dependendo do quão aprisionados a um Significante Mestre estiverem os leitores deste artigo, poderá parecer estranho o nome de um Luc Ferry, político da direita francesa, Ministro da Educação entre 2002 e 2004, aliado de Nicolas Sarkozy. Seus livros, em geral, são fáceis, escritos para o público comum francês, que de algum modo, se espalharam pelo mundo. Este é outro ponto sensível, pois os guardiões da academia não são muito receptivos a autores populares, argumentando-se sobre um certo superficialismo, talvez por ciúmes da visibilidade do colega, mas com alguma razão também. De qualquer modo, consideramos o autor de imensa relevância para os propósitos deste artigo porque sua defesa de uma espiritualidade laica oferece elementos para pensar uma dimensão da vida sem Deus - porém com valores caros, como o amor - para os quais valeria a pena adorar e morrer.

Em seu texto *Ni el sexo ni la muerte* (2012), Comte-Sponville, detalha as diversas concepções de amor. São elas: *eros*, *philia* e *agape*. Não há como desgarrar-se, completamente, das concepções judaico-cristãs. Alguns de seus valores permanecem e, inclusive, são úteis. A noção de amor é uma delas. De uma noção erótica do amor, passando pelo amor aos familiares, como entende Ferry, chegando ao amor ágape, se enumera não uma cronologia progressista e teleológica, mas um valor que antecede até mesmo a noção de Deus. Se se ama, então se tolera outros deuses. Se Deus é amor, não é intolerante, sectário, proselitista, homofóbico, racista, machista, militarista, politiqueiro, rentista, assediador, punitivista, carrasco, açoitador, sádico. Se Deus é amor, então é perdão e, por isso, permite que o amor anteceda à fé. Logo, não exige primeiro que o amem enquanto Deus único, mas formaliza a necessidade que se ame ao próximo, mesmo que o próximo seja um incréu.

1 - Luc Ferry e a sua espiritualidade laica

O leitor dogmático, talvez encontre dificuldades para acompanhar o texto, já que ele faz uma forte crítica à desagregação dos valores e à falta de referenciais. O sujeito apressado concluiria que Ferry não passa de um saudosista conservador requerendo a volta dos grandes símbolos fálicos. Mas se a leitura avançar um pouco, logo se deparará com uma espiritualidade sem Deus, o que nos tempos atuais no Brasil poderia soar curioso e confuso, pois um conservador ateu não se encaixa nos atributos generalizantes de uma sociedade de *lacradores* de direita ou de esquerda. Como a filosofia não é coisa para gente apressada, é importante começar por demonstrar como se deu a construção de uma sociedade europeia desgarrada da religião, pois dela “[...] emerge a tentação de uma cultura dissociada de qualquer religião, que visa, num materialismo hiperbólico, abolir as referências históricas e denunciar como ilusória qualquer forma de expressão espiritual” (FERRY; JERPHAGNON, 2011, p. 08). A vida colocada para nós como este turbilhão do inefável, como essa coisa grandiosa e esplêndida, ao mesmo tempo assustadora e terrível, não pode não ter sentido, e a morte ser uma falência do organismo que sucumbe na transmissão de energia para os outros organismos de níveis tróficos distintos. Se for deste modo, viver é estar condenado à morte, a perecer, a sofrer até o último sopro. A vida tencionaria ser salva desta banalidade que é a morte. Daí surgem os dois grandes saberes redentores da humanidade: a filosofia e a religião. A filosofia, como uma sabedoria para a vida, em muitos momentos se perdeu de suas pretensões, talvez otimistas demais, ou não vislumbrou saídas, ou alegou serem as saídas ficções de uma esperança redentora. A religião, menos crítica, porém mais apaixonada e com soluções mais rápidas, sempre encontrou adeptos em todas as regiões, em todos os tempos históricos. Especialmente o cristianismo arrebanha, desde a sua gênese, uma infinidade de fiéis, precisamente porque, pelo menos no ocidente, ele tenta preencher as fissuras deixadas pela filosofia grega. “É, de fato, em razão das insuficiências da filosofia grega, em todo caso, em grande parte, da dimensão de suas lacunas na resposta à questão da salvação, que o pensamento cristão vai vencer, porque ele vai justamente tentar preencher esses vazios” (FERRY; JERPHAGNON, 2011, p. 56). Deus se fez homem para sacrificar-se por eles. “[...] *Christus* se assimilara aos humanos como nenhum outro Deus até então” (FERRY; JERPHAGNON, 2011, p. 31). O sacrifício do Pai-Filho serve como exemplo ao nosso sacrifício pessoal como prova de salvação, pois como Feuerbach indicou em *A essência do Cristianismo* (2007), é o amor o dogma maior da prática cristã. “Era a si próprio que se tinha de sacrificar como *Christus* se sacrificara” (FERRY; JERPHAGNON, 2011, p. 32). E isto não será uma parte do capítulo do cristianismo a ser lembrada aqui ou acolá, mas funcionará como alicerce e preceito maior.

A filosofia antidogmática, ao realizar o seu exercício cotidiano de inquirir para conhecer, não oferece respostas finais. É indubitável que alguns tentarão se enfiar nesta seara, sem grande sucesso. Tanto saber e esforço, sem garantias e certezas, sem potencial para implodir a angústia. Lá, no fundo das coisas, no caldo multifacetado de tudo, a impossibilidade de apreensão do objeto se torna absoluta. Inegavelmente, alguns apelaram para o misticismo. “[...] a filosofia, diz Pierre Damien – a fórmula se tornará célebre –, é ‘serva da religião’, pois a razão, em determinado momento, quando se trata justamente da salvação, deve dar lugar a fé” (FERRY; JERPHAGNON, 2011, p. 67). A filosofia, enquanto laica, perscruta uma sabedoria como um dispor-se na vida, e o sábio, com o seu espanto característico, constata uma obviedade assustadora, ou seja, que essa profundidade toda que procuramos, ou essa grandiloquente essência por trás do aparente, ou esse sentido magnífico para o motivo de sermos o que somos, são quimeras. Esta sabedoria é, apesar de desconfortante, bastante poderosa, porque estabelece o fim de todas as obrigações e pesos, assim como enfatiza no futuro, o sentido propriamente dele, de um nada, de um vazio, de uma vacuidade, deixando para o agora toda a potência do existir. “Somente o sábio pode compreender que somos todos inocentes: ele se emancipa de toda forma de culpa e esperança” (FERRY; JERPHAGNON, 2011, p. 66). Porém, este movimento psíquico existencial não é fácil, nem rápido, além de exigir coragem para a empreitada. Muitos ainda preferem ser escravos de um tirano a ter que assumir a liberdade de ser isto mesmo que se é.

Enquanto a filosofia racionaliza o mundo numa segura conceitual, a religião, o cristianismo, o impregna de paixão, de volumosas torrentes de água doce e cristalina. Nesse sentido, se tentou explicar a paixão de Cristo. A Igreja se dedicou, por meio dos seus pensadores mais dedicados, como Santo Agostinho e São Tomás, a racionalizar o credo. Mas, para o crente, o entendimento da cruz se dá de forma imediata, o entendimento da cruz é loucura, como um *pathos*.

A linguagem da cruz é loucura para os que perdem, mas, para os que foram salvos, para nós, é uma força divina. Está escrito: destruirei a sabedoria dos sábios, e anularei a prudência dos prudentes (Is 29,14). Onde está o sábio? Onde o erudito? Onde o argumentador deste mundo? Acaso não declarou Deus por loucura a sabedoria deste mundo? Já que o mundo, com a sua sabedoria, não reconheceu a Deus na sabedoria divina, aprouve a Deus salvar os que creem pela loucura de sua mensagem. Os judeus pedem milagres, os gregos reclamam a sabedoria; mas nós pregamos Cristo crucificado, escândalo para os judeus e loucura para os pagãos; mas, para os eleitos – quer judeus quer gregos –, força de Deus e sabedoria de Deus. Pois a loucura de Deus é mais sábia do que os homens, e a fraqueza de Deus é mais forte do que os homens (1Co 1: 18 - 25).

O combate ao cristianismo é um exercício necessário para o fortalecimento tanto do agressor quanto do agredido, não é, porém, o advento de uma sociedade sem quaisquer valores. Ao destruir os valores cristãos, ou pelo menos ironizá-los colocando-os em dúvida, zombando de sua estrutura mitológica e confrontando a própria narrativa, pretende-se construir um novo homem capaz de criar seus valores e que se orienta pelos valores ainda existentes para formular os seus completamente singulares. Assim, a negação do cristianismo ou dos elementos metafísicos em geral, não correspondem a uma anulação de seus sentidos, mas se configuram como um desarranjo de seu arcabouço dogmático. Ou seja, não há problema algum em ser cristão, desde que isso enalteça a vida numa coordenação das forças no sentido de uma alegria como *pathos* moral daquele sujeito. Enquanto a religião for o pastoreio do além-mundo, será uma religião sem Deus, se concordamos com Feuerbach que não existe Deus sem a divindade do homem. Por outro lado, se a religião, de novo afirmar a vida, esta mesma que se tem aqui, sofrida e severina, é legítimo dispor-se dela como uma alegria de viver. O ateu que condena tal prática é reativo, demonstrando explicitamente o seu desconforto interno com uma vida moralmente livre de todos os rebanhos.

Nesse contexto, Nietzsche não hesita em afirmar em alto e bom som, ele que é considerado o *Anticristo* e o mais encarniçado agressor dos valores cristãos, que a “continuação do ideal cristão faz parte das coisas mais desejáveis que possam existir”, já que nos oferece, para a confrontação que ele autoriza, um meio seguro de se tornar maior (FERRY, 2012a, p. 115).

As forças - cooperando-se entre si num esforço de um ativismo mais vigoroso e frequente que o relativismo - gerariam, segundo Ferry, uma harmonia. Forças ativa e reativa, o cristianismo e suas convicções e os seus opositores e resistentes, ateus ou não. Suspeita-se destas abordagens que requeiram atributos pacificadores, pois a harmonia é um sintoma de que algo não vai bem, indicando que uma paralisia tomou espaço. Ao desavisado, poderia imaginar essa tal harmonia como um sucesso na articulação das forças, porém não passa de comodismo, rotina, tédio. É porque existe o incessante confronto, a guerra, a disputa das forças, dos indivíduos, das sociedades, que se faz algo novo para que haja um reordenamento das forças numa cooperação, que de novo se desorganizam para uma nova cooperação. Assim, “[...] as forças em jogo no movimento são perfeitamente integradas. Todas cooperam para a mais perfeita harmonia, sem resistência alguma, sem desperdício de energia, logo, sem ‘reação’, no sentido que Nietzsche dá ao termo” (FERRY, 2012a, p. 117, grifo do autor). As forças reativas não podem ser extirpadas numa espécie de melhoramento do homem. Ser homem é ser reativo, mas porque a reatividade se apresenta constantemente -, e traz consigo o mais agudo

sofrimento, como um peso incólume, que é possível acessar outras forças capazes de levantar a vida do fundo da angústia e alçá-la numa vontade de poder como música e dança, como celebração.

Os boêmios do século XIX na França, ao confrontarem os valores da razão, desmascaram uma civilidade, uma tranquilidade, uma polidez europeia, como este modo de estar no mundo devesse ser o universalmente aceito e supondo que a civilização europeia tivesse, de fato, os salutareos recursos e as estratégias do como viver bem em sociedade, com sua família nuclear, seus cristianismos, suas repúblicas e democracias, sua poderosa indústria, No entanto, não é novidade para ninguém que enriquecimento dos povos europeus se deu pelo saque das nações do sul do mundo, utilizando-se de táticas de combate, nem um pouco louváveis, como a guerra química, a Guerra Justa, a atividade de pirataria legitimada pelo próprio Estado Inglês, tornando-se práticas comuns a vários Estados europeus.

A *Encomienda*, a Mita, a escravidão com o uso dos argumentos mais fajutos-, como o de que em algum momento as populações indígenas passaram a ter alma, mas os povos negros escravizados não, o Darwinismo Social, a craniometria, o tráfico internacional de drogas na Guerra do Ópio. Enfim, o discurso de uma civilização europeia mais organizada, rica, democrática e justa, portanto, exemplar, é uma vilania contra o mundo, já que a sua justiça é proveniente das mais atrozes injustiças. Contudo, ainda, nenhum povo é capaz de dizer a outro povo como seria a melhor forma de conduzir o Estado, a economia, a vida, mesmo quando há violações de direitos humanos. Não compactuamos com a retirada do clitóris de meninas, prática cultural atroz de alguns povos. Mas tomar o território com tanques para impor outros valores também é bastante violento.

As nações e povos podem dialogar diplomaticamente sobre os princípios que são eticamente mais aceitáveis para todos e rechaçar aqueles que são condenáveis, não porque um modo de vida seja melhor que outro, mas porque, se vivemos de múltiplas maneiras, podemos aprender pela troca a desenvolver estratégias de organização social que privilegiem valores humanos elevados de, efetivamente, liberdade, igualdade e fraternidade. Destarte, o humanismo Iluminista ofereceu como resposta ao absolutismo, ao mercantilismo e ao fanatismo religioso da Idade Média e Moderna, uma soberba intelectual, que, apesar do movimento vislumbrar a democracia, conduziu com veemência as prerrogativas civilizacionais do imperialismo europeu no século XIX.

[...] para os homens das Luzes, para esses primeiros republicanos, bem como para seus herdeiros, a civilização se confunde, sem dúvida, com a Europa, com a exclusão do restante do mundo naquele momento. Donde o sinistro projeto que é criado, o de

uma ‘educação da espécie humana’, educação logo forçada e imposta aos povos ‘atrasados’ ou, como ainda se dizia até pouco tempo, ‘subdesenvolvidos’. A civilização dos direitos do homem se acomodará muito bem, pelo menos até a metade do século XIX, à prática da escravidão e, até mais tarde, à colonização. A primeira globalização, a das Luzes, da república e da razão, por mais democrática que seja em alguns casos, não deixa de ser imperialista e colonial. (FERRY, 2012b, p. 22).

O que resta, diante do flagelo da globalização sem sujeito, é reencontrar esse sujeito. Não para continuar a significá-lo de forma abstrata, mas para fazê-lo pessoa. Pessoa como objeto de amor. Desta maneira, Ferry buscará traçar uma história do amor para corroborar sua hipótese de uma espiritualidade laica a partir de uma revolução do amor. Ou seja, que em meio aos escombros da grande celeuma da desconstrução, o amor ainda repercute seu poder como algo digno de compor com o outro. Um amor, aliás, factível e vivenciável, sem abstração e/ou subterfúgios retóricos.

O amor não é uma substância que se poderia conjecturar que estivesse no fundo da alma humana, de modo a acessá-la para aproveitar de toda a sua alegria e sofrimento. O amor também é uma construção social e, mesmo o amor de Cristo, neste sentido como usualmente se interpreta, é uma noção, aliás, bastante atual e, ainda assim, inacessível a alguns que continuam presos no Antigo Testamento como a arrumar uma desculpa para legitimar o seu ódio. Assim, os casamentos eram arranjados, principalmente entre as famílias poderosas. Poder-se-ia, ao longo do relacionamento, desenvolver-se sentimentos mais profundos, porém, o principal concernia nos acordos políticos e econômicos. Como era de se imaginar, os casamentos por amor aconteceram primeiro nas famílias desprovidas de recursos. “É nas classes populares que o casamento por amor acontecerá mais rapidamente, que o consentimento dos jovens esposos escapará mais cedo às imposições dos pais” (FERRY, 2012b, p. 36). Entre os abastados teve forte contribuição na construção do casamento por amor, os romances, a literatura, enquanto produtos do entretenimento da nobreza que promovia um ambiente imaginativo capaz de fazer as donzelas sonharem com um amor eterno e arrebatador. “O nascimento do romance moderno, no sentido simultaneamente romanesco e romântico que damos hoje ao termo, estará grandemente ligado à passagem do casamento arranjado, ou casamento de conveniência, ao casamento por amor” (FERRY, 2012b, p. 31).

Philippe Ariés é, sem dúvida, o maior colaborador no desenvolvimento de uma *História Social da Criança e da Família* (2008), ou seja, de como a família europeia ajudou a explicar o que alavancou o amor como cimento das relações. O uso de pinturas como iconografia básica de sua interpretação traçou o surgimento do amor parental como avanço social. A criança deixa de ser um adulto pequeno e passa a uma dignidade política. De lá para cá, coisas tidas como

naturais no trato com as crianças, tomam caráter bizarro, senão criminoso, como, por exemplo, o trabalho infantil que é desumano e torpe. Atualmente, tal prática não é a construção de uma normatização jurídica que a condena, logo, não se realizaria o trabalho infantil por medo de punição. Essa prática e outras são condenáveis porque violam preceitos mais profundos de amor. Não é admissível que os próprios pais torturem seus filhos com a alegação que estão educando-os.

[...] à medida que o amor materno se desenvolve, a criança, mesmo no campo, deixa de trabalhar. Os casos em que ela trabalha mesmo assim (crianças-modelos, envolvidas em publicidades etc.) se tornam a exceção que confirma a regra — exceção malvista pela opinião pública e vigiada de perto pelos serviços sociais. O único trabalho que agora se exige da criança é o escolar, quer dizer, uma atividade destinada exclusivamente a servir a seus próprios interesses, e não mais aos dos pais. Portanto, ela não tem mais nenhum interesse econômico. [...] à medida que o amor leva a uma verdadeira sacralização da criança, ele a retira do universo econômico para situá-la no da afetividade “sem preço” (FERRY, 2012b, p. 40).

A posição de Ferry tende a gerar um incômodo tanto para os crentes quanto para os ateus. Os crentes vislumbram uma espiritualidade sempre com Deus, os ateus creem que espiritualidade não é coisa para ateus. Não supomos que uma espiritualidade laica reivindique um caminho do meio ou uma proposição covarde no debate, ao contrário, entendemos que o conceito de espiritualidade exalta a filosofia como ferramenta para a construção de uma sabedoria como forma de lidar com os problemas centrais da existência humana, como a morte, a infelicidade, o sofrimento, o desamparo, as doenças crônicas, a consciência, o inaudito, etc. Problemas estes que são da filosofia ou que não deveriam ser deixados à revelia de padres e pastores.

Ora, o fato é que a fórmula, à primeira vista, parece contraditória e, por isso mesmo, incompreensível. Diante dela, os crentes dogmáticos (mas não todos) são, em geral, tomados por um sentimento de rejeição. Suportando mal a concorrência da filosofia, eles a acusam naturalmente de apenas apontar um sucedâneo, um *ersatz* da “verdadeira” espiritualidade, que, para eles, só poderia ser religiosa. Quanto aos ateus militantes (nem todos os ateus o são), a própria noção de espiritualidade provoca naturalmente neles uma repulsa: ela cheira a água-benta e flerta demais com os conceitos da religião para ser honesta. (FERRY, 2012b, p. 95).

Em alguma medida a filosofia parece ter se desinteressado pelos grandes dilemas humanos e tal postura ética não é inofensiva. Se ela não treina o pensamento para a formulação de respostas ou, ao menos, um encadeamento de ideias para questões como a morte, acaba deixando o terreno aberto para que oportunistas ocupem o espaço. A desistência voluntária, muito mais que uma opção escolhida pelos pensadores, mostra-se como uma incapacidade ou

inabilidade para lidar com tais questões. Sem articulistas do pensamento para oferecer algum anseio a angústia geral do século XXI, os fundamentalistas religiosos assumem o debate. Islâmicos, cristãos neopentecostais, pentecostais, seitas do fim do mundo, católicos carismáticos ou mesmo tradicionais, respondem, melhor que os filósofos e cientistas, à intensa dor de uma época marcada pelo novo mais assustador (supertelefones, inteligência artificial, carros supervelezes e superseguros, redes sociais, aquecimento global, viagens espaciais, cirurgia genética, tecnologia 5G, internet das coisas, etc.). Não sem razão que as religiões ganham tantos adeptos. Uma espiritualidade laica é uma tentativa de resposta a estas demandas, uma resposta que escape aos critérios religiosos e que escape também às noções Ilustradas. A resposta biológica para a morte é técnica demais, quase crua, para uma humanidade sequiosa por fantasia, por imagens que mascarem o deserto.

Uma das grandes fraquezas intelectuais do período contemporâneo é que, em consequência do fortalecimento conjunto das ciências humanas e dos pensamentos da suspeita, a filosofia cedeu na maioria dos casos à desagradável tendência que consiste em abandonar as interrogações sobre a sabedoria e a vida boa, a fugir do campo da espiritualidade, mesmo que decididamente leiga, para abandoná-la às religiões. (FERRY, 2012b, p. 97).

Em meio aos escombros, a pós-modernidade, pelo menos em termos teóricos, tenta seguir o curso da História sem grandes colunas do entendimento e da moral. Sem referências fortes, qualquer ou nenhuma referência serve. De qualquer modo, os pós-modernos “honestos” trabalham com o princípio de que libertos dos grandes fundamentos, podem vagar pela pluralidade da vida, utilizando-se disto ou daquilo como recurso para a sua travessia. Porém, há uma outra diversidade de indivíduos que angariam pressupostos mais sólidos, mesmo entre os pós-modernos. Assim, a pretensão à vivência do amor como uma espiritualidade laica é um modo de sobreviver à queda generalizada do falo. Associar-se, na contemporaneidade, às compreensões substancialistas, transcendentais e dogmáticas, como alternativa ao processo de desconstrução, negando a história, pode ser demonstração de baixo repertório cultural, numa atitude completamente anacrônica. Mas, como as sociedades humanas não funcionam de acordo com as regras da *Hard Science*, o contraditório e bizarro sempre irrompem.

Há um núcleo duro do fundamentalismo religioso no mundo cristão, islâmico e judeu, para não dizer da insurgência de um conservadorismo político-religioso no Brasil e nos países desenvolvidos. Ora, a via do amor fraternal parece mais coerente aos novos tempos que o fundamentalismo religioso. Para uns e outros essa entrega incondicional no amor é legitimamente justificável.

O amor, pelo menos quando ele toma conta de nós, nos acompanha por toda parte. Onde quer que estejamos e não importa o que façamos, acontece de pensarmos naqueles que amamos, em nossos filhos, em nossos parentes, nas paixões que nos habitam e nos levam a refletir na construção de nossa vida. (FERRY, 2012b, p. 102).

O argumento do *amor fati*, como apreço demasiado pela (T) terra, como inválido ou descomprometido com a realidade - depois Auschwitz este amor pela vida como ela é se tornou impossível - é, a nosso ver, um pessimismo resignado, uma sobreposição do reativo sobre o ativo, um medo tremendo diante do inesgotável e do imenso da vida. Mesmo em Auschwitz, diante de todo o sofrimento, os judeus não desistiram, na pior das hipóteses se apegaram aos seus dogmas religiosos numa esperança ingênua que fosse, no além-mundo. Trocar o *amor fati* pelo amor pelos familiares como hipótese de sustentação de uma espiritualidade laica indica ou uma leitura muito apressada de Nietzsche, ou a intenção política de desqualificar o autor de Zaratustra, caminho, no mínimo, curioso, pois o respeitoso tom elevado do início de seus argumentos esfarelou-se em ataques ressentidos.

Se devemos amar o real tal como ele é, o real em sua totalidade, qualquer que seja sua cara — é assim que começa a argumentação em questão —, então isso significa que também devemos amar os carrascos que estão inevitavelmente encerrados no real. O que supõe, de fato, que se diga sim à vida, mesmo que ela inclua Auschwitz, quando os nazistas levam sua mulher, seus filhos, para a câmara de gás e os assassinam na sua frente. (FERRY, 2012b, p. 131).

Amor fati não significa amar os carrascos, mas combatê-los como inimigos primeiros da vida. Além disso, Nietzsche não pretendia dar receitas de como ser feliz, pois a felicidade, sobretudo a fabricada em pacotes de pronta entrega, também é um ídolo. O ressentimento, a metafísica, o espírito de rebanho, os adoradores de além-mundo, como pressupostos amesquinhadores, não foram alvo dos ataques de Nietzsche para que bastasse superá-los para se alcançar a tal felicidade. A destruição dos ídolos serve para indicar como os ídolos fazem parte da existência, vivemos com eles. Estar neste mundo sem qualquer ídolo seria uma tarefa inglória. Destroem-se os valores para construir novos, mas nenhum valor é, desde o início, mais certo ou mais errado, pois os valores estão a serviço de uma vontade de poder pulsante que, como tal, mantém-se em disputa no sentido de ampliar sua força. Aquele que se põe em marcha mostra sua valentia, porém o covarde que procura a Igreja para que o homem da batina lhe diga o que fazer, não é pior, pois o ideal ascético é um modo de garantir algum poder a um corpo psicofisiologicamente corrompido. O tom fanfarrão de Ferry carrega uma raiva como que, se desde o início, quisesse mostrar-se democrático e liberal, porém a sua posição à direita

como ídolo latente, o inviabiliza de acessar Nietzsche sem destrutá-lo, rebaixando-o a um menos desqualificado. Em geral, quando não se conseguiu acessar a profundidade do texto nietzscheano, o que se faz é isto.

Você não é feliz? É sua culpa; é porque você não tem coragem, lucidez, sabedoria! Assim fala hoje o nietzschiano cruzado com spinozismo. Bancando o interessante, ele pretende ter a força da felicidade, enquanto você, pobre fracote niilista, você vive no medo e na infelicidade com a desculpa de que seu filho acaba de morrer, que sua mulher ou seu amante o deixou. Chorão medíocre, incapaz de um alegre saber que leva o verdadeiro sábio a dançar no oceano cintilante da vida. (FERRY, 2012b, p. 131).

Luc Ferry, sedento pela defesa de seu ideal, a *Revolução do Amor*, elenca o amor parental como uma saída melhor que o *amor fati*. Uma alternativa melhor poderia ter sido defender o amor pelos filhos sem precisar lembrar de Nietzsche. Este amor que, concordamos, apesar de estruturar-se no âmbito privado, não se efetua numa redoma de si, dá sentido ao sentido. O sentido da vida pela via do amor é uma outra forma de valorar e, se não for capaz de se questionar enquanto valor, derreter-se-á no dogma.

Mas quando amo verdadeiramente, e qualquer que seja o amor de que se fale — amor-paixão, amor de amizade, amor paterno ou materno —, então, não apenas não posso preferir nada a ele, mas tenho consciência de que ele dá sentido ao sentido, que ele unifica minhas ações, orientando-as para um objetivo total. (FERRY, 2012b, p. 132).

Ao cabo, o amor parental é o *amor fati*, só que sem dar crédito a Nietzsche. Ao leitor não familiarizado com a letra nietzscheana, Ferry parecerá o grande criador e inventor de uma postura altiva diante da vida. Neste sentido, é oportuna a desconfiança da academia com os autores populares, pois o mercado editorial é mais promissor que uma vontade de tornar a filosofia acessível por meio de uma linguagem mais simples. Uma espiritualidade laica como uma sabedoria no trato com a vida, na medida que não tem Deus, funda um segundo humanismo pela revolução do amor: o *amor fati* travestido de amor pelos parentes próximos.

Mas simplesmente, desde que o amor renasça ou, mais simplesmente ainda, que ele subsista com outros seres amados, é também o sentido que volta ou permanece e, com ele, todo o gosto de viver. Em minha opinião, esse é o verdadeiro “sim” à vida: não amá-la quando ela não é amável — como os filósofos do *amor fati* gostariam de nos convencer sem nunca conseguir —, mas renunciar a procurar falsos consolos, aceitar o irreparável, olhá-lo de frente, sem se iludir sobre a enormidade da perda, sem por isso renegar o que vivemos, continuando a amar a vida enquanto o amor habitar este mundo. (FERRY, 2012b, p. 132).

A presença do amor como campo de análise das compreensões de Ferry constitui sua versão laica de uma espiritualidade. Aliás, amor como sentimento humano, sem abstrações, intenção de uma espiritualidade laica, como homem que é Deus e, portanto, de um Deus que é amor; amor como *eros*, *philia* e *agape*, que Comte-Sponville se dedicará em *Ni el sexo ni la muerte*.

2 - Comte-Sponville e sua espiritualidade sem Deus

A História dos Hebreus, mais da metade da Bíblia, já é anacrônica faz tempo, pelo menos desde o Novo Testamento. Para ficarmos no período histórico mais recente, podemos recortar o século XX, mas, desde Kant, religião e moral estão separados. Não há mais monopólio da moral. Portanto, a filosofia se emancipa da religião desprendendo o debate sobre a moral dos pressupostos dogmático-teológicos. Porém, mesmo como problema filosófico, não deixa completamente de, vez por outra, restaurar seu arcabouço teológico. Isto porque é quase impossível, na cultura ocidental, não ser influenciado, em alguma medida, pelos valores judaico-cristãos.

O Antigo Testamento guarda uma nomenclatura rigidamente punitivista, numa função mecânica da Lei: se é, é, e ponto. Mas Jesus criticara os Doutores da Lei, se a lei for apenas aparência, e não uma ação da alma transformada, que mergulha no amor como radical experiência para a salvação. O amor de Cristo, não uma abstração, mas uma prática, é um exercício que, tanto Ferry quanto Comte-Sponville, convidam a realizar. Pois, para o cristão praticante, via de regra, o amor é de um abstracionismo de tal magnitude, que mais parece ódio ao próximo, com suas regras morais do certo e do errado, vindas de uma casta de homens devastados pelo pecado mais reticente.

A homossexualidade, por exemplo, talvez seja um problema teológico (é o que sugere, no Gênesis, a destruição de Sodoma e Gomorra). Ela não é — ou já não é — um problema moral, ou só o é, hoje ainda, para os que confundem moral e religião, especialmente se buscam na leitura literal da Bíblia ou do Corão o que os dispense de julgar por si mesmos. (COMTE-SPONVILLE, 2007, p. 48).

A moral judaico-cristã é niilista, pois promete uma vida de felicidades para o outro mundo negando esta vida terrena. Deste pressuposto elaborou-se uma moral como um calvário de penitência para se conseguir o prêmio do Paraíso. Desgarrada a moral da religião, angariou-se uma moral como igualdade (como elenca Ferry no movimento da desconstrução, Iluminista e dos Boêmios), que por sua vez também sofreu duras críticas, principalmente por Nietzsche.

A dura crítica de Nietzsche à modernidade sustenta-se nas pretensões desta à verdade objetividade, como se a certeza do método garantisse a certeza do acesso ao mundo e sua essência. Ao destruir os ídolos modernos, acusou-se o filósofo alemão de niilismo. Porém seu niilismo é criativo, no sentido de que diante dos escombros da moral, verificar-se-iam necessárias outras morais, não mais produzidas pela Igreja, ou por epistemologias duras, mas construídas pelo próprio sujeito, que no jogo de forças do real, faria suas regras pela disposição de sua vontade de poder, enquanto força vibrante e ativa, assumindo, assim, o protagonismo de sua própria existência. A crise da razão em Nietzsche demonstra o começo de uma razão que não seja uma ortodoxia dos ambientes controlados com suas variáveis fixas e intransigentes, congeladores imensos do idealismo racionalista, mas que sejam formas do ser como uma dança, palco da leveza dos passos de Zaratustra. Portanto, niilismo em Nietzsche com uma carga desqualificadora, ou é pouca leitura, ou ressentimento à flor da pele.

[...] Fragmentos póstumos: 'Nada é verdade, tudo é permitido.' A primeira proposição é logicamente ruínoza. Se nada é verdade, não é verdade que nada é verdade: a fórmula se autodestrói, mas sem se refutar (se nada é verdade, não há mais refutação possível). É o fim da razão. (COMTE-SPONVILLE, 2007, p. 51).

Sejam cristãos, judeus, materialistas, idealistas, cientistas, o que está dado como conceito nodal de nossa cultura é uma concepção de *telos* como segurança estatutária justificadora de ser. Esta teleologia forte vislumbra uma paz arrebatadora como um imobilismo. Cristãos almejam o além-mundo, judeus também, materialistas, idealistas e cientistas, o fim da pesquisa como uma verdade que funda o absoluto determinante de todas as conexões, desbravando o todo numa imagem lúcida que não falta nada e é possível ver a completude e a beleza de sua harmonia e ordem. Todos eles têm esperança. Todos eles estão preocupados com o futuro, o presente é uma quimera, uma passagem para frente, para algo melhor. O olho que vê o futuro vive triste na agonia de seu agora. Por isso, toda esperança é uma forma de procrastinação, de engodo, de falseamento.

Ou seja, Pascal, Kant e Kierkegaard têm razão: um ateu lúcido não pode escapar do desespero. Foi o que procurei pensar até as últimas consequências em meus primeiros livros, especialmente em *Tratado do desespero e da beatitude*. Para me afundar na infelicidade? Ao contrário! Para sair dela, para mostrar que a felicidade não é para ser esperada, mas para ser vivida, aqui e agora! (COMTE-SPONVILLE, 2007, p. 55).

Inegavelmente, Jesus foi um grande homem. O conteúdo divino, se não houvesse, não prejudicaria tanto o seu humanismo. O amor à humanidade o levou para a cruz. E Deus o desamparou. Morreu. Mas, estava tudo escrito: Jesus sofreria o sofrimento humano como

redenção dos pecados da humanidade. Morreu a morte mais cruel, leviana, torturado até o colapso generalizado do corpo. E o Pai no Filho aceitou a morte da carne: ser menos poder para o crescimento de potência da humanidade. Para um ateu, a história vai até a cruz e a morte. Para os crentes ainda tem ressurreição, o reaparecimento e a assunção de corpo e alma às elevadas alturas do Paraíso. Tudo isto por amor.

Que ele seja tomado por Deus, é algo em que não posso acreditar. Sua vida e sua mensagem nem por isso me comovem menos. Mas a história, para mim, para no Calvário, quando Jesus, na cruz, citando o salmista, geme: “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?” Aqui ele é verdadeiramente nosso irmão, pois compartilha a nossa aflição, a nossa angústia, o nosso sofrimento, a nossa solidão, o nosso desespero (COMTE-SPONVILLE, 2007, p. 66).

Sem tolerância a vida neste planeta ganha contornos bélicos. No ocidente europeu isto é evidente pelo estudo de sua história. As considerações sobre a existência de Deus são frágeis demais para uma afirmação tão contundente capaz de arrogar a uns o direito de impor tal fé. Assim, o discurso de Ferry e Sponville reivindica uma laicidade de fato, fundada no amor. Se a prática do amor se efetivar como fundamento último da vida, então não se matará por Deus, por dinheiro, por poder. E se o amor é nuclear, no íntimo da família, aqueles que se amam em casa tendem a amar aqueles que se amam em outras casas, num regime de tolerância. Não é que os conflitos desapareceriam, numa paz como uma calma inerte, mas que, apesar das tensões, ainda assim é possível o amor. E o crucificado trouxe exatamente esta mensagem: devemos amar os nossos familiares, mas temos de amar, principalmente, os nossos inimigos. O amor a Deus é justo quando sustenta pela prática do amor aos homens e efetivada por meio da liberdade, igualdade e fraternidade.

Muitos dos nossos maiores intelectuais são ateus, inclusive nos Estados Unidos; muitos são crentes, inclusive na Europa. Isso confirma que nenhum saber — hoje tanto quanto ontem — pode decidir quem tem razão. Isso dá razão aos espíritos tolerantes e abertos, muito mais que aos agnósticos. (COMTE-SPONVILLE, 2007, p. 73).

No debate sobre Deus, sob a perspectiva de um saber filosófico, o debate deslancha para diversos vieses, não havendo garantia alguma. Nem a filosofia a quer. No entanto, existem outras linguagens que, em termos de signos e saberes, conseguem angariar mais segurança ou pressupõe uma comunidade de muitos homens e mulheres que concordam sobre suas prerrogativas e premissas, assim como concordam também que, para ser um saber, precisa ser replicado e refutado. Sobre esses saberes não existem fanáticos a querer enfiar goela abaixo os

seus avanços epistemológicos. Existem até uns negacionistas, mas, em geral, a matemática e as ciências em geral têm boa aceitação, principalmente sobre os benefícios do uso dos seus produtos.

Quantos mortos em nome de um mesmo Livro! Quantos massacres em nome de um mesmo Deus! É uma prova suficiente da ignorância em que todos se encontram. Ninguém se mata por causa da matemática, nem de nenhuma ciência, nem mesmo por causa de uma verdade de fato, quando ela é bem estabelecida [...]. Isso confirma, pelo horror, que, em se tratando de Deus, ninguém dispõe de um saber verdadeiro. É o que nos fada às guerras de religião ou à tolerância, conforme prevaleça a paixão ou a lucidez (COMTE-SPONVILLE, 2007, p. 74).

A questão à qual as religiões se dedicam resolver, de porquê e como estamos aqui, não é uma problemática exclusivamente religiosa, mas humana. Algo existe ao invés do nada absoluto. Há um existente irrevogavelmente real: Podemos indagar as sutilezas deste real, mas algo está aí. Mesmo o nada, já é alguma coisa no pensamento e na vida. Na medida em que são, ocupam o nada, materializam-se em coisa, coisa que permanece eternamente no universo numa transmutação de si em outros seres. Neste sentido, o nada é ausente no criado, factualmente falando. O nada é condição lógica do pensamento, como antítese no não-ser. Mas um organismo quando morre, nadifica-se porque deixa de ser isto que é. Porém, todo não-ser conjuntural é projeção para o ser. Contudo, se o todo é, antes havia o nada. Como pode o todo surgir do nada? O que é o nada, porque se for nada, é alguma coisa? Ora, do nada não poderia ser criado o todo, ele surge da operação lógica do pensamento que não suporta pensar sem a negatividade de seu positivo. O mundo existe, neste turbilhão mesmo de que é, ser e não-ser atuando como forças.

Atribuir a Deus a força inicial de toda propulsão é, no mínimo, um serviço preguiçoso. Se antes, havia apenas Deus, o nada era ausente por imposição dogmática dos crentes, mas que, por distribuição lógica do pensamento, anula Deus, porque ou Deus é o todo e se o todo inclui tudo, o nada está contido no todo, logo, em Deus; então, ele só pode ser enquanto condição de um ser em falta de si; ou, se no princípio era o nada, sem forma, as trevas absolutas, então o nada que era, incluía Deus como nada, porém o dogma religioso inventou Deus como um ser que mesmo no nada é alguma coisa, a plenipotência criadora. Ou, o Um primordial na sua presença absoluta de ser, criou primeiro o nada, as trevas, a escuridão, a falta de sentido, para depois dar prosseguimento à criação. E o problema permanece insolúvel, e que bom que seja assim, permitindo o debate sempre em aberto e estimulando novas e instigantes proposições.

A questão “Por que há algo em vez de nada?” se coloca tanto mais necessariamente quanto não tem resposta possível. É o que a torna fascinante, esclarecedora, estimulante: ela nos remete ao que chamo de mistério do ser, indissociável da sua evidência. Ela nos desperta do nosso sono positivista. Ela abala nossos hábitos, nossas familiaridades, nossas pretensas evidências. Ela nos arranca, pelo menos por algum tempo, da aparente banalidade de tudo, da aparente normalidade de tudo. Ela nos remete ao espanto primeiro: há algo em vez de nada! (COMTE-SPONVILLE, 2007, p. 85).

O mundo ordenado se tornou belo como delícia de uma realidade dura demais para os homens. A filosofia, as artes, as ciências, as religiões, criaram um mundo mais humano, um lugar onde se pudesse viver com mais calma e tranquilidade. Mas a Física newtoniana ganha outras abordagens, a partir do final do XIX, com a entropia geral e o Princípio da Incerteza de Heisenberg, por exemplo. Há muito mais de acaso no universo que propriamente de ordem. Ordem e caos comungam o mesmo espaço no real. A ciência já tem o seu caminho para a felicidade, porém sábia de que sempre surge algo de imprevisível nas suas investigações.

[...] enquanto a natureza, como nossos cientistas a descrevem, é muito mais do âmbito da dinâmica (o ser é energia), do indeterminismo (a Natureza joga dados: é por isso que ela não é Deus) e da entropia geral (o que você diria de um relógio que tendesse para uma desordem máxima?).[...] Se o acaso (mutações) cria ordem (pela seleção natural, não há mais necessidade de um Deus para explicar o aparecimento do homem). (COMTE-SPONVILLE, 2007, p. 88).

Os religiosos, bastante otimistas com o sucesso da natureza, atribuem a uma mente extraordinária a perfeição da existência e como ela é organizada, perfeita, harmônica. Se os cientistas enquadraram o sofisticadíssimo mundo no quadrado do método, articulando as conexões mais duradouras entre duas variáveis numa sequência infinita de causa e efeito, os religiosos, também obcecados pela doença das origens, restauraram um ser incriado para criar tudo. Se para aqueles, a ilusão justificadora do real se dá por análises probabilísticas de coesão de variáveis, para estes, a fantasia tranquilizadora é a de um Deus, que deliramos, inconscientemente, como aquilo que gostaríamos de ser.

Parte-se da observação do mundo; constata-se nele uma ordem, de uma complexidade insuperável; conclui-se daí que há uma inteligência ordenadora. É o que se chama hoje de teoria do “desenho inteligente”. O mundo seria bem ordenado demais, complexo demais, belo demais, harmonioso demais para que possa ser obra do acaso; tal êxito suporia, na sua origem, uma inteligência criadora e ordenadora, que só pode ser Deus. (COMTE-SPONVILLE, 2007, p. 86).

Deus-Pai abandonou os seus filhos e mesmo quando estes suplicam desesperadamente por sua aparição, ele se esconde eximindo-se de sua responsabilidade paterna, do seu amor

paternal. Esse Pai permite que crianças morram de fome e que suas mães morram primeiro oferecendo à criança o leite pouco nutrido do quase nada que resta de seu corpo ósseo. Esse Pai maravilhoso, nos concedeu a liberdade, para que livres, sucumbíssemos em episódios como Auschwitz. Mesmo que toda a desgraça do nazifascismo seja uma ocorrência produzida pelo exercício irresponsável do livre-arbítrio, portanto de inteira responsabilidade dos humanos, um Pai, minimamente presente, interviria como a estabelecer um basta e com sua palavra dura educaria seus filhos. Mas ele nada fez: por volta de 6 milhões de judeus morreram em campos de concentração. Outros grandes momentos da história da humanidade mereceriam atenção por parte do Todo Poderoso. Outrossim, seus filhos foram abandonados à própria sorte, com a sua sabedoria e miséria.

O que vocês pensariam de um pai que se escondesse dos seus filhos? “Não fiz nada para manifestar minha existência, eles nunca me viram, nunca me encontraram”, ele contaria a vocês. “Deixei-os crer que eram órfãos ou filhos de pai desconhecido, para que fossem livres de acreditar ou não em mim...” Vocês achariam que esse pai é um doente, um louco, um monstro. E teriam toda razão. Que Pai seria este para se esconder em Auschwitz, no Gulag, em Ruanda, quando seus filhos são deportados, humilhados, esfaimados, assassinados, torturados? A ideia de um Deus que se esconde é inconciliável com a ideia de um Deus Pai. (COMTE-SPONVILLE, 2007, p. 96).

Auschwitz é resultado do fanatismo político. Os Gulags também. A Inquisição, do fanatismo religioso, assim como a burca e os atentados terroristas islâmicos. Nem quando erram grotescamente em nome do Deus Pai, ele intercede como a se defender por calúnia e difamação. Tudo isto é fruto das ações humanas, da sua estupidez e fraqueza diante da imensidão do infinito. “Toda força bruta representa nada mais do que um sintoma de fraqueza” (ZÉ GERALDO, 1980). Deus pode ser a última âncora em que o indivíduo se apoia para continuar na vida, tamanha a sua fraqueza. Mas este porto seguro, assim como afirma a vida de uns, nega a de outros. Toda fé é boa se for livre de todo o ressentimento, se não for pedante, se não tiver a magnificência de algo a ser pregado a ouvintes, se for simples como o acontecimento mais extraordinário em mim, tão sublime, que meu silêncio é a melhor forma de professar esse sentimento (Mt 6, 5 - 8). “A humanidade é fraca demais e a vida difícil demais para que eu possa me permitir desprezar a fé de quem quer que seja. Odeio todos os fanatismos, inclusive os fanatismos ateus” (COMTE-SPONVILLE, 2007, p. 97).

A fé, ao contrário, é sempre algo que tem de ser dito, propagado aos quatro cantos da Terra, enfiada goela abaixo dos hereges e ateus. Se ela carrega consigo esse tom externalizador tão intolerante, há de se desconfiar se isto não é uma estratégia de defesa do aparelho psíquico diante da falsidade do conteúdo da crença, ou seja, de tão temeroso sobre a possibilidade,

mesmo ínfima, da inexistência de Deus, o sujeito reage numa gritaria, que implica em não ter mais que pensar nisto, porque todas as vozes foram caladas na assembleia de seu eu moribundo. Deus, talvez não exista, e isto não pode ser real. “Se Deus não se mostra — em todo caso não a mim nem a todos —, talvez seja porque ele quer se ocultar. Mas também pode ser, e essa hipótese me parece mais simples, porque ele não existe” (COMTE-SPONVILLE, 2007, p. 98).

A vida não é fácil, a cada dia ela inventa novos desafios. Sua travessia é longa e com muito sofrimento. Imaginar que seja só isto, é pouquíssimo para um homem tão vaidoso, egoísta, inteligente. Alguma coisa, para além da aridez deste deserto, tem que existir. E isto pouco importa, se se inventa modos de estar no mundo como uma justificação e recompensa pelas injustiças. “Já era o argumento de Nietzsche, no Anticristo: ‘A fé salva, logo mente’. Deus é desejável demais para ser verdadeiro; a religião, reconfortante demais para ser credível” (COMTE-SPONVILLE, 2007, p. 119). Tal procedimento cognitivo serve para suportar a vida, sem ele muitos já teriam sucumbido. E mais, esta estratégia de se dizer criado por um Deus, adocica nosso ego nos fazendo sentir-se a mais retumbante criatura do universo, os seres mais especiais, os escolhidos de Deus.

Crer em Deus, escrevi em algum lugar, é pecado de orgulho. Seria atribuir a nós mesmos uma causa muito grande para um efeito tão pequeno. O ateísmo, ao contrário, é uma forma de humildade. Somos filhos da terra (humus, de onde vem “humildade”), e dá para sentir essa filiação... Mais vale assumi-la e inventar o céu que corresponda a ela (COMTE-SPONVILLE, 2007, p. 116).

Deus serve aos acovardados que precisam de uma recompensa. É útil também aos obcecados pelas origens e aos que buscam uma massa que condensava tudo num dentro, sem nenhum fora, que ao explodir fez de todo interior um exterior. Mas se essas serventias de Deus ainda não trouxerem alguns adeptos, mesmo dos mais displicentes, os religiosos inventaram a ameaça que impõe pelo medo a glória do Senhor. O inferno deve sempre ser tão terrível que não deixe dúvidas sobre o poder de Deus como saída da danação eterna.

Deus é por demais incompreensível, de um ponto de vista metafísico, para não ser duvidoso (como saber se o que não compreendemos é um Deus ou uma quimera?); a religião é por demais compreensível, de um ponto de vista antropológico, para não ser suspeita (COMTE-SPONVILLE, 2007, p. 122).

Esse elemento nefasto e humano das religiões, como controle ideológico e político, desde há muito tempo é visto como um perigo. E, ou se alia a esse poder secular da Igreja numa espécie de teocracia ou Estados Nacionais articulados ao papado, ou se cria um Estado laico, de modo a fazer que os fanatismos desliguem-se da alçada do Estado eximindo-o de qualquer

pretensão profética evangelizadora. “A religião é um direito. A irreligião também. Logo devemos proteger ambas (inclusive uma contra a outra, se necessário), impedindo ambas de se imporem pela força. É o que se chama laicidade, a mais preciosa herança das Luzes” (COMTE-SPONVILLE, 2007, p. 125).

A partir de uma laicidade é possível uma espiritualidade sem Deus. Mas se uma laicidade se erige como fanatismo, então não avançamos muito. As religiões, a fé, as teocracias, colocadas num nível de desconfiança a serviço de uma laicidade, não legitimam o laico como pretensa ortodoxia. A laicidade deve colocar-se também no mesmo nível de suspeita a que foram submetidos os valores que lhe deram origem. Por isso, Ferry sugere uma factualidade do amor para uma espiritualidade. Porque assim não se erige um novo ídolo, nem se cai na desconstrução pela desconstrução. E Sponville supõe que o histórico nefasto das religiões a incriminam, portanto, alertam sobre suas premissas. Contudo, a resposta, se dogmática, além de esvaziar o significado do amor, pois Ferry e Sponville refletem sobre as mesmas ideias, permanecem cristãs, porém sem Deus. Porque não é tão fácil se desvencilhar do cristianismo num ateísmo lúcido e livre de qualquer idolatria. O ateísmo militante é uma fé sem Deus.

Considerações Finais

Sem Deus o ateu desdobra-se no todo, no seu misticismo, ainda como uma vontade de Deus. Isto porque, mesmo sem Deus, os grandes problemas do espírito humano permanecem, assim como o sentimento oceânico do inefável como uma sensação que escapa ao campo da linguagem, de um ser para além de todo ser. Cheio do palavreado dos crentes, o panteísmo de Sponville vislumbra um estilo de vida que ao menos não carregue consigo o sangue das grandes religiões doutrinadoras e santas, mas que tenha o sentimento cósmico de pertencimento a uma totalidade inapreensível, o amor como partícula de comunhão com a imensidão do mundo. Mas isto é só um modo de estar, existem muitos outros e todos eles são válidos da mesma maneira, desde que autenticuem a vida no fazer pelo amor. Ou seja, até aqui o cristianismo não é abolido em absoluto e em muitos momentos é até requerido como possibilidade para crentes e ateus na sua perseverança em continuar na vida. Em Ferry e Sponville, o ateísmo toma corpo como um desdobramento, assaz diplomático, do cristianismo.

Ferry e Sponville realizam uma interlocução no sentido de elaborar uma perspectiva espiritual pós-desconstrução. Um e outro veem na desconstrução os elementos valiosos para uma crítica da metafísica, de Deus, das religiões, do democratismo Iluminista. Entretanto, o esvaziamento de sentido dos mais altos valores adquiridos até aqui, rica herança deixada por Nietzsche, não sucumbe num niilismo hiperbólico, mas reintroduz novas perspectivas. Para

Ferry, num amor prático, específico, no âmbito familiar. Para Sponville, numa vida que se possa criar e inventar segundo seus próprios valores, tendo como princípio a tolerância.

O reconhecimento do sofrimento como algo comum aos humanos serviria para fortalecer os laços, no sentido de se tolerar toda invenção que sirva à vida. O cristianismo como mortificação e pretensões de além-mundo pode receber novas diretrizes. Assim como o ateísmo que auspicia esmagar todas as religiões, e silenciar e eliminar todos os seus charlatães e fanáticos, tem condições de transmutar-se numa versão menos apaixonada e intolerante, avançando a uma indiferença com relação a Deus e as religiões. Se ateus e crentes suportarem o amor (Ferry e Sponville), uns e outros, e crente entre crentes, se tolerariam. Mas como o seu amor faz-se entre os seus iguais para endossar as frases que os fortalecem, acabam projetando para o outro um não pertencimento digno de toda violência e ódio, mesmo com a carapaça e os epítetos mais singelos de liberdade, igualdade e fraternidade, e também laicidade. Tudo isso porque estas noções ainda são concepções teóricas, abstratas, mentais, racionais, distantes da realidade efetiva da vida. Existem ateus que amam ao próximo e não são proselitistas. Há crentes que odeiam os demais.

A vida cotidiana é mais simples e prática. A verdade é que sofremos, e amar e odiar, crer e não crer, ser e não ser, vencer e perder, lutar e resignar-se, libertar-se e deixar-se escravizar, são movimentos de um organismo que não tem a coerência como instrumento para a ação, mas detêm a dor como fundamento de ser. E é ela que o move na ação de ser a qualquer custo. Deus e o nada não são verdades, constituem-se instrumentos para que a vida continue.

A falsificação do mundo é condição *sine qua non* para que o animal que sofre a dor mais profunda consiga persistir neste calvário. Estes pequenos penduricalhos da imaginação humana, Deus, as religiões, o nada, o ateísmo, os livros, a política e os seus políticos, a sociedade, a arte, a filosofia, a poesia, o amor: são fantasias capazes de transformar o deserto seco, quente e de pedra da vida, no mais colorido, verdejante, úmido e refrescante oásis, oferecendo-nos alguns ínfimos instantes da mais extraordinária felicidade e contentamento, intensificando o desejo pela vida. Somente o homem sofre e, portanto, somente ele pode ser feliz.

Referências Bibliográficas

ARIÈS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: Editora LTC, 1981.

BÍBLIA. *Bíblia Sagrada*. Tradução dos originais grego, hebraico e aramaico mediante a versão dos Monges Beneditinos de Maredsous (Bélgica). São Paulo: Editora Ave Maria, 2013.

COMTE-SPONVILLE, André. *Apresentação da filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. *Ni el sexo ni la muerte*. Barcelona: editorial de Espasa Libros, 2012.

_____. *O Espírito do ateísmo: introdução a uma espiritualidade sem Deus*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.

FERREIRA, Douglas Willian. *Ágape e a liberdade: os fundamentos da espiritualidade laica em Luc Ferry*. Dissertação (Mestrado acadêmico). Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas, Programa de pós-graduação em Ciência da religião, 2016.

FERRY, Luc. *Aprender a viver: filosofia para os novos tempos*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012a, p. 97.

_____. *A revolução do amor: por uma espiritualidade laica*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012b.

FERRY, Luc; JERPHAGNON, Lucien. *A Tentação do Cristianismo: de seita a civilização*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

FEUERBACH, Ludwig. *A essência do cristianismo*. Petrópolis: Vozes, 2007.

MAIA, Antonio Gladenir Brasil; NICOLAU, Marcos Fábio Alexandre; OLIVEIRA Renato Almeida de. Luc Ferry e Gianni Vattimo: duas perspectivas filosóficas sobre o fenômeno religioso na contemporaneidade. *Argumentos*, ano 10, n. 19 - Fortaleza, jan./jun. 2018.

SILVA, Marcos de Oliveira. *Por uma Autópsia do Sagrado: O anúncio da morte de Deus como princípio hermenêutico de entendimento de uma possível teoria da religião em Nietzsche*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2012.

Recebido em: 25/08/2023.

Aprovado em: 20/12/2023.